

ENTRE A MORTE E O MORRER: NOTAS SEMIÓTICAS COM BASE NA LETRA DE “NÃO TENHO MEDO DA MORTE”, DE GILBERTO GIL*

Lucas Porto de Queiroz**

Resumo: Neste artigo, lançando mão do aparato teórico-metodológico da semiótica de linha francesa, mais especificamente em seus veios narratológico e tensivo, procuramos evidenciar por que a letra de “Não tenho medo da morte”, canção de Gilberto Gil, toca em pontos muito caros àqueles que se interessam pela significação humana. Tentamos mostrar, desse modo, que o cotejo entre os medos da morte e do morrer, tema da letra, encobre uma cuidadosa reflexão sobre o instante-limite em que ainda há ou quando já deixa de haver significação.

Palavras-chave: Semiótica. Significação. Sentido.

NOTA INTRODUTÓRIA

■ Sendo inicialmente uma canção, sabemos, sobretudo a partir dos estudos desenvolvidos nos últimos anos por Luiz Tatit¹, que “Não tenho medo da morte” se constitui como um objeto cuja significação filia-se tanto a um plano de expressão verbal (letra), quanto a um plano melódico. Melodia e letra, então, ao mesmo tempo em que definem a canção, demandam-se reciprocamente na manifestação dos conteúdos cancionais. Porém, não é nosso intuito aqui analisar a citada canção de Gilberto Gil, de modo que nos vemos autorizados, ao menos do ponto de vista teórico, a fissurar este objeto em favor de considerações tão somente acerca do plano de expressão verbal. A letra será, portanto, nosso texto.

* Agradeço ao professor Geraldo Vicente Martins (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul), pela leitura atenta e pelos pertinentes comentários que me fez acerca do texto.

** Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: l-porto@hotmail.com

¹ À guisa de exemplo, citamos algumas das obras nas quais o autor apresenta o que se convencionou chamar semiótica da canção: *O cancionista* (1996), *Musicando a semiótica* (2010), *Estimar canções: estimativas íntimas sobre a formação do sentido* (2016) e *Elos de melodia e letra* (2008), esta última em parceria com Ivã Carlos Lopes.

O TEXTO**Não tenho medo da morte**

*não tenho medo da morte
mas sim medo de morrer
qual seria a diferença
você há de perguntar
é que a morte já é depois
que eu deixar de respirar
morrer ainda é aqui
na vida, no sol, no ar
ainda pode haver dor
ou vontade de mijar*

*a morte já é depois
já não haverá ninguém
como eu aqui agora
pensando sobre o além
já não haverá o além
o além já será então
não terei pé nem cabeça
nem fígado, nem pulmão
como poderei ter medo
se não terei coração?*

*não tenho medo da morte
mas medo de morrer, sim
a morte é depois de mim
mas quem vai morrer sou eu
o derradeiro ato meu
e eu terei de estar presente
assim como um presidente
dando posse ao sucessor
terei que morrer vivendo
sabendo que já me vou*

*então nesse instante sim
sofrerei quem sabe um choque
um piripaque, ou um baque
um calafrio ou um toque
coisas naturais da vida
como comer, caminhar
morrer de morte matada
morrer de morte morrida
quem sabe eu sinta saudade*

como em qualquer despedida (GIL, 2008).

NOTAS DE ANÁLISE

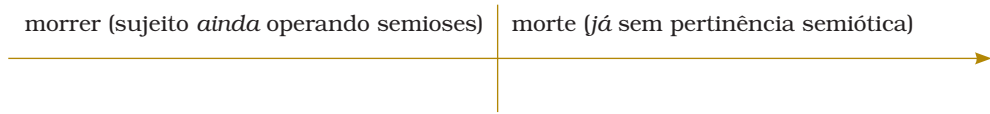
O texto inicia-se com o narrador afirmando-se em determinado estado disjuntivo (“não tenho medo da morte”), porém, curiosamente, em conjunção com algo a princípio semelhante (“mas [tenho] sim medo de morrer”). O *eu* projetado no enunciado, então, explicitando o *tu* a que se dirige (“você há de perguntar”), levanta a questão central do texto (“qual seria a diferença”), o qual, assim, desdobra-se em uma minudente reflexão do narrador acerca do contraste que ele julga haver entre os dois estados juntivos.

Assim, se o narrador tenta nos fazer avaliar como *verdadeira* a distinção entre, de um lado, o medo da morte e, de outro, o medo de morrer, chama-nos a atenção o advérbio de tempo que começa a iluminar a fronteira entre os dois estados juntivos (“é que a morte já é *depois*/que eu deixar de respirar”).

Lançando mão das categorias tensivas (ZILBERBERG, 2011), tudo se passa como se a morte carecesse da condição necessária e suficiente para o estabelecimento de um *valor*. Dessa maneira, na morte (e não no morrer) faltaria a *tensão* entre uma medida intensiva e um número extensivo, que justamente funda um valor no campo de presença do sujeito. Dessa maneira, a fronteira estabelecida pelo *depois* (que evidentemente atualiza um *antes*) parece-nos sobretudo tensiva: na morte já não há qualquer resquício de intensidade – já não há sequer o *respirar* do sujeito, marca última de alguma tonicidade conservada por este. Tampouco há – e, de fato, sem intensidade, como poderia haver? – qualquer unidade extensa (“já não haverá ninguém/como eu aqui agora/*pensando* sobre o além”).

Ora, sem intensidade e, portanto, sem extensidade – ou, para deixar mais clara a dependência entre as duas dimensões, poderíamos igualmente dizer: sem extensidade e, portanto, sem intensidade –, simplesmente não há tensividade, logo, significação. Em outros termos, se a “semiose é a operação que [...] produz signos” (GREIMAS; COURTÈS, 2012, p. 447), subjaz ao texto a concepção de que o signo *morte* pode ser no máximo intuído, digamos, *a priori*, mas não será efetivamente *produzido*, como em todas as outras semioses que operamos (em vida). Assim, se concordamos com a afirmação de que “a significação é [...] apenas esta transposição de um nível de linguagem a outro, de uma linguagem a uma linguagem diferente, e o sentido é apenas esta possibilidade de *transcodificação*” (GREIMAS, 1975, p. 13, grifos do autor), o recado do narrador é claro: não há *sentido* na morte, já que é ausente sua possibilidade de transcodificação. Sem o mínimo de tonicidade, anulada qualquer *força* do sujeito, figurativizada em dada altura pelas partes de seu corpo (“já não terei pé nem cabeça/nem fígado nem pulmão”), elimina-se qualquer possibilidade de transposição, de modo que soa coerente o estado disjuntivo em que se afirma o narrador (“como poderei ter medo/se não terei *coração*?”). Além disso, a figura que finda a pergunta parece iluminar com precisão a tonicidade última perdida pelo sujeito, comprometedor da significação e elucidativa quanto à ausência de medo da morte.

Gostaríamos de propor uma figura que talvez ajude a compreender a diferença entre os dois estados juntivos de que trata o texto:

Figura 1 – Semiotização da morte e do morrer

Fonte: Elaborada pelo autor.

Dessa maneira, a linha vertical estabelece uma fronteira muito cara a qualquer sujeito, seja artista ou cientista, que se interesse pelo sentido. Se a morte, como observamos anteriormente, carece de qualquer possibilidade de transcodificação, razão por que não há o que temer, “morrer ainda é aqui/na vida, no sol, no ar”. A distinção entre os dois estados, medo da morte e medo de morrer, destarte, passa pelo fato de que o *morrer* ainda implica o sujeito operando semioses, de tal modo que, no “derradeiro ato”, ainda haverá, nos diz Gilberto Gil, um “eu aqui agora...” *transpondo uma linguagem em outra*, complementar a Greimas citado anteriormente. Ora, tal presença exigida do *eu* (“terei de estar presente/assim como um presidente/dando posse ao sucessor”), sem dúvida, amedronta.

É assim, então, que o narrador argumenta que, se “a morte é depois de mim”, isto é, num momento em que já não há um marco enunciativo organizando um campo de presença, no morrer, por outro lado, “ainda pode haver dor/ou *vontade de mijar*”. Grifamos esta última expressão na medida em que ela figurativiza com rara precisão a ideia de que, naquele instante *quase* terminal, ainda pode haver um recrudescimento da vida perante a iminência da morte. Aliás, observemos mais atentamente os dois versos citados e vejamos que, em termos tensivos (ZILBERBERG, 2011), em “ainda pode haver dor” parece haver apenas um *restabelecimento* da vida – é o sujeito percebendo-se vivo na dor, ao que parece *involuntariamente* sentida –, ao passo que, em “vontade de mijar”, temos mesmo um *recrudescimento* do conteúdo vital: trata-se aqui do querer (“vontade”) do sujeito, numa última e tônica semiose, tentando afirmar a vida.

É evidente que, se quisermos tratar desse texto num nível bastante simples e abstrato, podemos afirmar sem grande receio de equívoco que ele transita pela categoria semântica vida *versus* morte. Tal postura poderia rapidamente fazer-nos traçar um quadrado semiótico. Diríamos, nesse caso, que, nos momentos de reflexão sobre o *morrer* (“morrer ainda é aqui”, “mas quem vai morrer sou eu”), o texto, na medida em que reflete sobre a *passagem* da vida para a morte, situar-se-ia no termo contraditório não vida, já que, como sabemos, é esse o vértice do quadrado que localiza a função de passagem entre os contrários. Já nos momentos de maior reflexão sobre a morte (“a morte já é depois/que eu deixar de respirar”, “a morte é depois de mim”), teríamos uma afirmação desta. Toda essa interpretação, porém, ainda que possa parecer sedutora, esconde um problema grave. Senão vejamos.

Segundo a semiótica *standard*, a semântica do nível fundamental, na qual se apreende a categoria semântica mínima a que se pode resumir o texto (em nosso caso, vida *versus* morte), sintagmatiza-se pelas operações de afirmação e de negação de cada um dos contrários. Ao negar um conteúdo, estamos apenas tornando *ausente* – guardemos esta palavra – determinado traço semântico. Nas

didáticas palavras de Fiorin (2011, p. 22), “[...] os termos que estão em relação de contraditoriedade [*vida e não vida*, em nosso caso] definem-se pela presença e ausência de um dado traço: /masculinidade/ *versus* /não masculinidade/”.

Ora, se o termo contraditório não vida se define na justa medida em que torna *ausente* tal traço semântico, como poderíamos apontar esse termo num texto que prima por afirmar a *presença imprescindível* da vida durante o morrer (“terei que morrer *vivendo*”, “morrer ainda é aqui/*na vida*”)? Lembremos: se a morte não amedronta o narrador por ela carecer de pertinência semiótica, o morrer lhe mete medo precisamente por ainda exigir a presença *viva* do sujeito operando significações (“quem vai morrer sou eu/[...]/e eu terei de estar presente”).

Em suma, no morrer, passagem entre os dois contrários, não podemos conceber o termo *não vida* oferecido pela semiótica clássica, pois nesse caso estaríamos impondo, por meio de um conceito teórico, uma condição oposta àquela defendida pelo narrador, qual seja: no morrer, termo de passagem, *tem de haver* (um mínimo de) vida.

Portanto, a definição de contraditório, oferecida pela semiótica em sua primeira hora, não se adéqua a esse texto específico, ou seja, o binarismo disponibilizado pelo quadrado semiótico não presta contas de maneira satisfatória com a passagem tênue de que nos fala o narrador. Não se trata aqui de desdenhar das contribuições da semiótica greimasiana, mas, antes, de mostrar que, para este texto de Gil, necessitamos também de um aparato teórico que permita uma modulação entre os contrários. Esta parece-nos a única maneira pela qual podemos analisar a contento o “medo de morrer”.

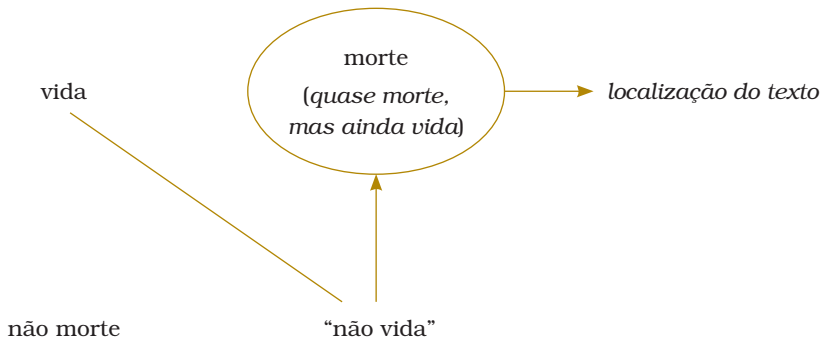
Assim, usando categorias tensivas, proposta afinal bem mais afeita a modulações, tudo se passa como se o cerne do texto, aquilo que amedronta o narrador, se localizasse no instante de *maior minimização* possível da vida, mas que ainda não é morte – e que tampouco é ausência de vida. Reaproveitando o gráfico já esboçado anteriormente na Figura 1, teríamos algo com esta feição agora:

Figura 2 – Proposta tensiva para a morte e para o morrer

<i>atenuação</i> da vida	<i>minimização</i> da vida (morrer)	morte (sem pertinência semiótica)
	“terei que morrer <i>vivendo</i> ”	“a morte é depois de mim”
	“o derradeiro ato meu”	“já não haverá ninguém / como eu aqui agora / pensando sobre o além”
	“morrer ainda é aqui / na vida”	“já não haverá o além”
vida		morte

Fonte: Elaborada pelo autor com base em Zilberberg (2011).

Ou, se quiséssemos a todo custo defender a viabilidade de um quadrado semiótico, talvez ele adquirisse esta aparência:

Figura 3 – Quadrado semiótico de vida e morte

Fonte: Elaborada pelo autor com base em Greimas e Courtés (2012).

É nesse instante de *quase morte*, mas que ainda é vida, visto que exige a presença do sujeito operando semioses e significando o mundo, que está o ponto nodal do texto analisado. As aspas que pusemos no termo contraditório não vida destacam o que já argumentamos: a rigor, não pode haver uma simples ausência deste conteúdo.

Em síntese, o texto reflete sobretudo acerca do *limite máximo de minimização da vida*. É neste marco sem dúvida tênue, mas lucidamente captado pelo narrador, que ele conjectura: “então nesse instante sim/sofrerei quem sabe um choque/um piripaque, ou um baque/um calafrio ou um toque”.

É curioso que todos esses signos (piripaque, calafrio etc.) parecem partilhar de uma alta intensidade associada a uma baixa extensidade, o que sugeriria que o sujeito, em seu “derradeiro ato”, estaria perdendo seu tempo-espaço interno, quer dizer, perdendo inteligibilidade. Porém, o narrador prefere findar o texto (ou a vida?) acreditando numa última transcodificação: “quem sabe eu sinta saudade/como em qualquer despedida”.

Gostaríamos de destacar, já caminhando para o fim de nossa breve análise, que somente um andamento lento permite ao narrador distinguir os dois medos cotejados. Na medida em que a diferença entre os dois estados juntivos é tênue (embora deveras pertinente, como acompanhamos), queremos dizer que o *pervir*² e sua inerente lentidão cumprem um papel essencial na reflexão de nosso narrador. Se a morte *sobreviesse* ao sujeito, invadindo seu campo de presença de maneira demasiado rápida e tônica, o mais provável é que ele não fosse capaz de captar nuanças tão finas intervalando a morte e o morrer.

Por fim, do ponto de vista da comunicação (e não mais da produção do sentido), se o narrador tinha como objetivo persuadir-nos quanto à diferença que ele julga haver entre os dois estados juntivos (“não tenho medo da morte/mas sim medo de morrer/qual seria a diferença/você há de perguntar”), podemos dizer que sua manipulação seduz: seu discurso encobre uma reflexão teórica portentosa sobre vida e morte, em particular, e sobre o sentido, em geral.

2 *Pervir* é mais um conceito da semiótica tensiva e define-se como uma das “duas maneiras pelas quais uma grandeza tem acesso ao campo de presença e pode aí se estabelecer” (ZILBERBERG, 2011, p. 271). A outra maneira seria o *sobrevir*, que se caracteriza pela rapidez com que a grandeza invade o campo de presença do sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, analisamos a letra da canção “Não tenho medo da morte”, de Gilberto Gil. Constatamos que a distinção entre os dois estados (medo da morte e medo de morrer), apresentados inicialmente como ponto de partida do texto, traz à tona reflexões bastante finas sobre a significação. Dessa maneira, vimos que, se o narrador se afirma em disjunção com o medo da morte, isso se dá pelo fato de que, na morte, não há qualquer possibilidade de transposição de uma linguagem em outra. Em suma, não há *sentido* na morte. O medo de morrer, por outro lado, com o qual o narrador se coloca em conjunção, se justifica tendo em vista que, no morrer, a presença do sujeito ainda está implicada, ainda há um eu operando semioses. O texto, assim, ao mesmo tempo em que faz parecer coerente, *verdadeira* a diferença entre os dois estados, desafia o aparato teórico de qualquer teoria que preste contas com o sentido e encobre uma cuidadosa reflexão sobre os processos de significação.

BETWEEN DEATH AND DYING: SEMIOTICS NOTES FROM THE LYRICS OF “NÃO TENHO MEDO DA MORTE”, BY GILBERTO GIL

Abstract: In this paper, using the theoretical-methodological apparatus of the french semiotics, more specifically in its narratological and tensive veins, we try to show why the lyrics of “Não tenho medo da morte”, Gilberto Gil’s song, touch in crucial points to those who are interested in human meaning. Therefore, we try to show that the comparison between the fears of death and dying, which the song deals with, covers a careful reflection on the limiting moment in which there is still or when there is no longer meaning.

Keywords: Semiotics. Signification. Meaning.

REFERÊNCIAS

- FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- GIL, G. *Não tenho medo da morte*. 2008. Disponível em: http://www.gilbertogil.com.br/sec_musica_2017.php?page=4. Acesso em: 5 jul. 2019.
- GREIMAS, A. J. *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Tradução Ana Cristina Cruz César *et al.* Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1975.
- GREIMAS, A. J.; COURTÈS, J. *Dicionário de semiótica*. Vários tradutores. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- ZILBERBERG, C. *Elementos de semiótica tensiva*. Tradução Ivã Carlos Lopes, Waldir Beividas e Luiz Tatit. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

Recebido em 27 de novembro de 2018.

Aprovado em 19 de março de 2019.